

**SAVUFSC**  
Semana Acadêmica de  
Medicina Veterinária - UFSC



# ANIMAIS SELVAGENS

## DESTAQUE DA SESSÃO

### **DADOS PRELIMINARES SOBRE A ANATOMIA COMPARADA DA ORIGEM DO PLEXO BRAQUIAL EM JACUPEMBA (*Penelope superciliares*), GRALHA PICASSA (*Cyanocorax*) E TUCANO DE BICO VERDE (*Ramphastos dicolorus*)**

Vinícius Rosa Ortiz<sup>1\*</sup>, Alex Teixeira Stanck<sup>1</sup>, Guilherme José Parizzi<sup>1</sup>, Leandro Fortunato dos Santos<sup>1</sup>, Rosane Maria Guimarães da Silva<sup>2</sup>, Malcon Andrei Martinez-Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos de Medicina Veterinária, <sup>2</sup>Docentes, Laboratório Anatomia Animal, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibaanos – SC, Brasil

\*Acadêmico Vinícius Rosa Ortiz – [ortizvinicius40@gmail.com](mailto:ortizvinicius40@gmail.com)

O plexo braquial é uma rede de nervos que se intercomunicam e realizam toda a inervação do membro torácico. O seu estudo, particularmente nas aves, vem crescendo constantemente, principalmente quando relacionado às áreas de clínica e cirurgia a algumas disfunções neuromusculares decorrentes de traumas, neoplasias e infecções virais. A sua origem deriva das raízes ventrais dos nervos espinhais, sendo mais preciso do final da região cervical e início da torácica, onde ocorre a formação de três troncos principais. Dentre as espécies estudadas, realizou-se a dissecação e classificação da origem dos troncos, bem como as suas divisões nervosas. No jacupemba (n=1), o primeiro tronco se origina das raízes ventrais dos nervos espinhais situados no espaço intervertebral cervical 13 (entre a décima terceira e décima quarta vértebra cervical), o segundo tronco das raízes ventrais dos nervos espinhais situados no espaço intervertebral cervical 14 (entre a décima quarta vertebra cervical e primeira torácica) e o terceiro tronco das raízes ventrais dos nervos espinhais situados no espaço intervertebral entre a primeira e a segunda vértebras torácicas, onde um quarto ramo, o qual está situado no espaço intervertebral entre a segunda e a terceira vértebras torácicas se une ao terceiro tronco. A gralha (n=1) e no tucano-do-bico-verde (n=1), por possuírem o mesmo número de vértebras cervicais (13 vértebras cervicais), se assemelharam na origem dos troncos, onde o primeiro tronco tem origem em C10, o segundo em C11 e o terceiro em C12, sendo que C13 emite um ramo o qual se une ao terceiro tronco. Em relação à divisão dos troncos, notaram-se poucas diferenças entre as três espécies utilizadas no estudo. O primeiro tronco, ao se originar não emite nenhum nervo, apenas se anastomosa ao segundo tronco em todas as espécies. Da anastomose entre estes troncos surge o cordão ventral para formar o tronco peitoral e o nervo bicipital. Este tronco comum continua como o cordão dorsal após a união com o ramo do terceiro tronco e se ramificando em nervos supracoracóide, anconeal, radial e axilar. O terceiro tronco se divide em dois ramos, um se ligando ao segundo tronco e o outro que pertence ao cordão ventral da qual emerge o nervo medianoulnar, o qual posteriormente se ramifica em nervo ulnar e nervo mediano. Essas diferenças se devem a diferenças anatômicas e da aptidão de cada espécie. Estes dados, apesar de iniciais, permitem inferir que a formação do plexo braquial apresenta um componente espécie-específico, que deve ser observado no momento da abordagem clínico-cirúrgica em aves, o que pode resultar em sucesso ou fracasso na reabilitação destes animais.

**Palavras-chave:** Plexo braquial, Anatomia, Jacupemba, Gralha, Tucano-do-bico-verde

## DADOS PRELIMINARES SOBRE A ANATOMIA COMPARADA DA ORIGEM DO PLEXO LOMBOSSACRAL DA JACUPEMBA (*Penelope superciliares*), GRALHA PICAÇA (*Cyanocorax*) E TUCANO DE BICO VERDE (*Ramphastos dicolorus*)

Alex Teixeira Stanck<sup>1\*</sup>, Vinícius Rosa Ortiz<sup>1</sup>, Guilherme José Parizzi<sup>1</sup>, Leandro Fortunato dos Santos<sup>1</sup>, Rosane Maria Guimarães da Silva<sup>2</sup>, Malcon Andrei Martinez-Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos de Medicina Veterinária, <sup>2</sup>Docentes, Laboratório Anatomia Animal, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

\*Acadêmico Alex Teixeira Stanck- [alex.teixeirastanck@gmail.com](mailto:alex.teixeirastanck@gmail.com)

No estudo anatômico uma das técnicas utilizadas é a dissecação que tem a finalidade de identificar diferentes estruturas como nervos, músculos e vasos. Diversos estudos em aves silvestres utilizam essa técnica. Diante do exposto, o objetivo do trabalho é estudar o plexo lombossacral (PLS) comparando as três espécies, buscando identificar a origem, os nervos espinhais de formação, os troncos e nervos emitidos. O PLS é uma rede de nervos que serve o membro pélvico, consistindo nos plexos lombar e sacral, unidos na jacupemba e no tucano de bico verde por uma raiz repartida, o que se difere da gralha picaça. As raízes ventrais dos nervos espinhais partem do intumescimento lombossacral da medula espinhal para formação dos plexos. Na jacupemba, o plexo lombar é derivado das raízes 23 a 25 e o plexo sacral das raízes 25 a 29, a 25 contribui para ambos. No tucano, o plexo lombar é formado pelas raízes 22 a 24 e o plexo sacral pelas 24 a 28, sendo a 24 comum aos dois plexos. Já na gralha, o plexo lombar deriva das raízes 22 e 23 e o plexo sacral de 24 a 27, não tendo uma comum. As raízes do plexo lombar na jacupemba e no tucano se unem e formam um tronco, que se divide de cranial para caudal em tronco do nervo sartório e do cutâneo femoral lateral, e nos nervos: femoral cranial, femoral, femoral medial, femoral caudal e obturatório. Na gralha, o tronco do nervo sartório e do cutâneo femoral lateral partem da raiz 22, e somente depois esta conflui com a 23 para formar o tronco único, depois da formação deste tronco os nervos formados são similares aos da jacupemba e do tucano. Na jacupemba e no tucano, o plexo sacral é formado por dois troncos que se juntam formando um único, o qual se divide e forma os nervos para o membro. O primeiro tronco na jacupemba é formado pelas raízes 25, 26 e 27, o segundo tronco pela 28 e 29. No tucano, o primeiro tronco é formado pelas raízes 24, 25 e 26, e o segundo pela 27 e 28. Já na gralha picaça as raízes 24, 25 e 26 formam um tronco, em seguida este se anastomosa com a raiz 27, formando outro tronco, o qual se divide e inerva o membro. Após a formação de um único tronco o plexo sacral se divide na jacupemba e no tucano de bico verde em nervos: isquiático, para parte do músculo íliotibial, para o músculo flexor medial da crura, para o músculo ísQUIOfemoral e principal para o músculo ílioFibular. Na gralha se divide em nervos: isquiático, para parte do músculo íliotibial e principal para o músculo ílioFibular, nesta espécie o nervo para o músculo medial da crura, assim como, o para músculo ísQUIOfemoral não foram encontrados. Com isso podemos dizer que o plexo lombossacral da jacupemba e do tucano de bico verde são semelhantes, diferindo apenas nas raízes de formação, isso está relacionado ao número de segmentos medulares que compõem a medula espinhal de cada espécie.

**Palavras-chave:** Plexo lombossacral, nervo femoral, nervo isquiático.

## DADOS PRELIMINARES SOBRE ANATOMIA COMPARATIVA DO PLEXO BRAQUIAL EM AVES

Guilherme José Parizzi<sup>1\*</sup>, Alex Teixeira Stanck<sup>1</sup>, Vinícius Rosa Ortiz<sup>1</sup>, Leandro dos Santos Fortunato<sup>1</sup>, Rosane M<sup>a</sup> Guimarães da Silva<sup>2</sup>, Malcon Andrei Martinez Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos de Medicina Veterinária, <sup>2</sup>Docentes, Laboratório Anatomia Animal, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

\*Acadêmico Guilherme José Parizzi- [guilherme.parizzi@outlook.com](mailto:guilherme.parizzi@outlook.com)

No estudo anatômico uma das técnicas utilizadas é a dissecação, que permite identificar diferentes estruturas, como nervos, músculos e vasos, possibilitando apontar diferenças ou particularidades espécie-específicas. Diversos estudos em aves silvestres utilizam essa técnica. Com isso, objetivou-se estudar e comparar a distribuição dos nervos oriundos do plexo braquial em jacupemba (*Penelope superciliaris*, n=1), tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*, n=1) e gralha (*Cyanocorax*, n=1) apontando suas diferenças anatômicas. O plexo braquial consistiu-se de um cordão dorsal e outro ventral, de onde emergem os nervos. Em relação ao cordão dorsal nota-se que o nervo supratorácico mantém a mesma distribuição nas três espécies. No nervo anconeal observa-se diferença, apresentando inserção na articulação cubital no tucano e no músculo tríceps escapular no jacupemba e na gralha. O nervo axilar é o ramo do cordão dorsal onde percebe-se maior diferença na inserção deste nas três espécies, sendo que no jacupemba ocorre no terço proximal do úmero, no tucano ocorre na altura do ombro, da gralha no terço médio do úmero. Com relação ao nervo radial do tucano e do jacupemba segue o mesmo padrão de inervação, emitindo ramos para as duas cabeças do músculo bíceps braquial, enquanto que na gralha somente para a cabeça lateral. No cordão ventral percebe-se que o tronco peitoral do jacupemba difere das outras duas espécies por emitir um nervo a menos para a musculatura peitoral. No nervo bicipital é onde está a maior diferenciação no cordão ventral no que diz respeito à sua origem sendo que no jacupemba parte do terço médio do nervo medianoulnar, no tucano parte do nervo medianoulnar em seu terço proximal, na região axilar, e na gralha parte do nervo ulnar em seu terço inicial, sendo que ambos possuem inserção na origem proximal do músculo bíceps braquial. Com relação ao nervo medianoulnar não foram observadas alterações na distribuição. No mediano percebe-se diferença no comprimento do nervo, sendo que no tucano era mais curto que nas outras duas espécies. O nervo ulnar segue o mesmo padrão de distribuição nas três espécies. Os resultados, por ora observados, nos levam a crer que as variações encontradas referem-se a particularidades anatômicas, no que diz respeito às três espécies, e à adaptabilidade ao voo de média (tucano) e longa distância (gralha). Contudo, esta é uma argumentação especulativa, dado ao número de animais dissecados.

**Palavras-chave:** Plexo braquial, anatomia animal, Jacupemba, Gralha, Tucano-do-bico-verde.

## DADOS PRELIMINARES SOBRE ANATOMIA DA INERVAÇÃO DO MEMBRO PÉLVICO EM GRALHA PICAÇA (*CYANOCORAX*)

Leandro dos Santos Fortunato<sup>1\*</sup>, Guilherme José Parizzi<sup>1</sup>, Alex Teixeira Stanck<sup>1</sup>, Vinícius Rosa Ortiz<sup>1</sup>, Rosane M<sup>a</sup> Guimarães da Silva<sup>2</sup>, Malcon Andrei Martinez Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Acadêmicos de Medicina Veterinária, <sup>2</sup>Docentes, Laboratório Anatomia Animal, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos – SC, Brasil

\*Acadêmico Leandro dos Santos Fortunato- [leandro.sfortunato@gmail.com](mailto:leandro.sfortunato@gmail.com)

Na análise das estruturas anatômicas leva-se em consideração as relações de sintopias e esqueletopias das estruturas presentes no corpo do animal. Nesse sentido, objetiva-se observar as relações entre os ossos, músculos e suas inervações no membro pélvico da Gralha picaça (*Cyanocorax*, n=1). Para tanto, foi utilizada a técnica de dissecação, que permitiu identificar os diferentes músculos localizados no membro pélvico, assim como sua inervação. Estão localizados na região femoral do animal os músculos iliotibial cranial e lateral, flexor crural lateral e medial, iliofibular, femorotibial médio e interno, pubisquiofemoral. Enquanto que na região crural (tíbio-tarso) encontram-se os músculos flexores perfurante do dedo II e III, músculos flexores perfurado do dedo II, III e IV, gastrocnêmio, tibial cranial. Neste contexto, constatou-se que o músculo iliotibial cranial é innervado pelo nervo femoral, tendo como função estender a articulação fêmoro-tíbio-patelar e o tibiotarso, assim como na flexão da articulação coxal. O músculo iliotibial lateral, o qual é innervado pelo nervo femoral, possui como função a flexão ou extensão femoral e crural, realizando movimentos de rotação do tibiotarso, podendo, ainda, realizar o movimento de abdução do membro. O músculo iliofibular, sendo innervado pelo nervo isquiático, possui como função flexionar a articulação fêmoro-tíbio-patelar, assim como o músculo flexor crural lateral, o qual também exerce função sobre a articulação coxal, estendendo-a. A função do músculo flexor crural medial é flexionar o tibiotarso, assim como resistir à tensão no mesmo quando outros músculos extensores se contraem; esse músculo é innervado pelo nervo isquiático. No processo de extensão da articulação fêmoro-tíbio-patelar, encontram-se também os músculos femorotibial médio e interno, os quais sofrem inervação do nervo femoral. Para aduzir e estender o fêmur o músculo pubisquiofemoral é utilizado, o qual recebe impulsos nervosos do nervo obturador. O músculo gastrocnêmio, o qual é innervado pelos nervos tibiais lateral e medial, possui como função estender o tarsometatarso, assim como a flexão plantar dos dedos. Os músculos flexores perfurante dos dedos II e III, e os músculos flexores perfurados dos dedos II, III e IV, os quais são innervados pelo nervo tibial lateral, possuem como função a extensão do tarsometatarso e os dedos II e III, respectivamente. Com isto, é importante a localização e diferenciação dos componentes do membro pélvico da ave afim de se conhecer o seu funcionamento e fisiologia, considerando suas características como empoleiramento ou deambulação.

**Palavras-chave:** Plexo lombossacral, anatomia animal, Gralha, nervos, dissecação.

## DADOS SOBRE A MORTALIDADE DE ANIMAIS SILVESTRES NA SC-451

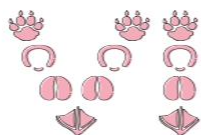
Maria Helena Souza de Aguiar<sup>1\*</sup>, Vinícius Rosa Ortiz<sup>1</sup>, Alex Teixeira Stanck<sup>1</sup>, Rosane Maria Guimarães da Silva<sup>2</sup>, Alexandre de Oliveira Tavela<sup>2</sup>, Malcon Andrei Martinez-Pereira<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Acadêmicos Curso de Medicina Veterinária, <sup>2</sup>Docentes Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba – SC, Brasil

\*Acadêmico Maria Helena Souza de Aguiar – [helenaaguiar637@gmail.com](mailto:helenaaguiar637@gmail.com)

Este projeto pioneiro no planalto serrano catarinense traz dados numéricos e de espécies que vem sendo prejudicadas com aumento populacional, construção de moradias e rodovias, bem como o tráfego rodoviário. As coletas foram realizadas de 22/11/2017 a 21/11/2018 na extensão da SC-451, que liga os municípios de Curitiba a Frei Rogério. Foram coletadas ou fotografadas as carcaças de 119 animais selvagens atropelados, que incluíam répteis, aves e mamíferos. Ao ser visualizado o animal morto eram estabelecidas as coordenadas geográficas da ocorrência utilizando-se o aplicativo “Compartilhar minhas coordenadas GPS” versão 1.42. As fotografias foram realizadas em diferentes ângulos de maneira a auxiliar na classificação taxonômica. Nos casos de carcaças em decomposição avançada a identificação considerou a pelagem, formato de crânio e ossos, entretanto em 29 cadáveres não foi possível identificar a espécie devido ao alto nível de destruição. As carcaças com maior integridade eram acondicionadas em sacos plásticos de coleta e enviadas aos laboratórios de Anatomia Animal Aplicada e Laboratório de Doenças Parasitárias dos Animais, para posteriormente serem dissecados e terem coletados possíveis ecto e endoparasitas, respectivamente. Dos animais coletados pode-se determinar que 63 eram mamíferos (52,94%), 15 aves (12,61%) e 12 répteis (10,08%), no entanto em 8 indivíduos foi identificada apenas a classe, em 7 a ordem, em 26 a família, em 4 apenas o gênero e 45 espécies. Dentre os répteis, quase todos os atropelados eram da espécie *Tupinambis merianae* (n=9, 75%), gênero *Chelonoidis* (n=1, 8,33%) e 2 *Squamata* (16,67%). Dentre as aves, foram passíveis de identificação 2 *Guira guira* (13,33%), 2 *Coragyps atratus* (13,33%), 2 Strigiformes (13,33%) e um Columbidae (6,67%). Os mamíferos compreenderam a maior frequência de animais atropelados, sendo a família Didelphidae a mais encontrada (n=26, 41,27%), a maioria pertencendo a espécie *Didelphis albiventris* (n=22). Dentre os roedores, em dois indivíduos identificou-se apenas a ordem e 4 pertenciam a espécie *Cavia aperea* (6,35%). Foram coletados 8 pertencentes a família Leporidae (12,70%), onde não foi possível identificar a espécie, assim como Dasypodidae (n=4, 6,35%) e Erinaceidae (n=5, 7,94%). Os carnívoros encontram-se representados pela espécie *Cerdocyon thous* (n=4, 6,35%), e os gêneros *Procyon* (n=2, 3,17%) e *Leopardus* (n=1, 1,59%). Os primatas foram representados pela espécie *Alouatta guariba* (n=2, 3,17%). De posse destes dados, se inicia uma segunda fase que consiste em uma atividade de conscientização da população local, sobre a necessidade de preservação das espécies.

**Palavras-chave:** SC – 451, animais selvagens, atropelamento, anatomia, parasitologia.



**SAVUFSC**  
Semana Acadêmica de  
Medicina Veterinária - UFSC



## LEVANTAMENTO DA MASTOFAUNA NA ÁREA DA FLORESTA EXPERIMENTAL DA UFSC

Átila Souza Rocha Freire de Santana<sup>1\*</sup>, Gabriel Felip Gomes Olivo<sup>2</sup>, Maria Virginia Muchanga da Vissone<sup>2</sup>, Alexandre Oliveira Tavela<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Acadêmico de Medicina Veterinária; <sup>2</sup> Mestrandos Programa de Pós Graduação em Ecossistemas Agrícolas e Naturais, <sup>3</sup> Docente, Universidade Federal de Santa Catarina – Curitibanos - SC, Brasil

\*Acadêmico Átila Souza Santana - [atilasantana11@hotmail.com.br](mailto:atilasantana11@hotmail.com.br)

A conservação da biodiversidade constitui uma das maiores dificuldades nos tempos atuais, relacionado a perturbações antrópicas nos ecossistemas. Logo, observa-se com o crescimento das áreas cultivadas e urbanas a fragmentação de habitats. Nesse contexto, espécies de fauna podem migrar para o entorno dessas áreas em busca de abrigo e alimento, passando a ser comum em ambientes modificados. Em vista disso, foi realizado um levantamento da mastofauna de médio e grande porte na Fazenda Experimental Florestal da Universidade Federal de Santa Catarina que dispõe de 31,9 hectares, destes 9,2 é antropizado pelo cultivo de espécies arbóreas florestais, nativas e exóticas utilizadas em pesquisas. Ademais, cerca de 19,3 hectares do local de estudo é composto de vegetação nativa ou alterada sem experimentos, consistindo de Mata Atlântica, subtipo Floresta Ombrófila Mista, comumente conhecida como Mata de Araucárias. Para a aquisição de dados a respeito da presença, variação e movimentação da mastofauna, foram utilizadas várias técnicas, tanto fixas, destinadas a gerar um registro de passagem do animal, quanto de coletas ou observação direta dos animais alvo, durante o período de 14 de setembro até 11 de novembro de 2017. Dentre as técnicas podemos citar as parcelas de areia, armadilhas fotográficas, coleta de excretas e evidências da existência animal. Após implantação, foram encontradas a presença de animais na área estudada. Dentre os métodos, destacam-se as evidências vestigiais, em especial as amostras fecais, a quais foram encontradas em todas as visitas ao campo somando ao final dez amostras, o número de marcas nas parcelas de areia somando um total de cinco distribuídas em três armadilhas e as armadilhas fotográficas registrou três espécimes, sendo dois cervídeos e uma paca. Entre todos os registros feitos, foram encontradas evidências de capivaras (subfamília *Hydrochoerinae*), cervídeos (família Cervidae), carnívoros (ordem Carnivora), pacas (família Cuniculidae), cutias (família Cuniculidae). Logo, os estudos revelam a presença de fauna nativa na região analisada, mesmo com alteração do ambiente promovido pelo fator antrópico, em razão dos cultivos florestais diversos no local, realçando a informação que ambientes antropizados ainda são passíveis da manutenção de uma fauna silvestre regular, configurando a Fazenda Experimental Florestal da Universidade Federal de Santa Catarina um ambiente não apenas de estudo, mas de potencial conservação de bioma.

**Palavras-chave:** mastofauna, bioma, fauna silvestre



**SAVUFSC**  
Semana Acadêmica de  
Medicina Veterinária - UFSC



## *Physaloptera* sp. PARASITANDO TEIÚ (*Tupinambis merianae*)

Maria Helena Souza de Aguiar<sup>1\*</sup>, Bárbara Vitória Marçal<sup>1</sup>, Sylvia Brollo dos Santos<sup>1</sup>, Diego Duarte Varela<sup>1</sup>, Malcon Andrei Martinez-Pereira<sup>2</sup>, Alexandre de Oliveira Tavela<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Discente de Medicina Veterinária, <sup>2</sup>Docentes, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitiba - SC, Brasil

\*Acadêmica Maria Helena Souza de Aguiar – [helenaaguiar637@gmail.com](mailto:helenaaguiar637@gmail.com)

O conhecimento sobre a helmintofauna dos animais silvestres oriundos de vida livre pode ser uma ferramenta importante na conservação das espécies. O gênero *Tupinambis* sp. pertence à ordem *Squamata* que inclui lagartos, anfisbênios e serpentes, distribuídos por toda a extensão das Américas. Este animal apresenta hábitos diurnos, são pecilotérmicos, fase de reprodução descrita ao final da estação seca, tendo ninhada em torno de 36 ovos, que eclodem em até 90 dias de incubação, chegam ao comprimento de 2 metros e se alimentam de ovos, animais em decomposição, larvas e pequenos roedores, tendo vasta dieta. Esta característica onívora fornece uma gama alimentar rica em nutrientes e predispõe a ingestão de possíveis parasitos, como o *Physaloptera*. Assim, neste estudo, relata-se o parasitismo por *Physaloptera* sp. em um lagarto da espécie *Tupinambis merianae*, oriundo de vida livre, no Planalto Serrano de Santa Catarina, Brasil. O animal foi obtido por meio de coleta em estudo de monitoramento de óbitos de animais silvestres na SC-451 em perímetro rodeado por mata fechada e uma pequena propriedade ao lado oposto (27°16'38.514"S; 50°39'44.784"W). Durante a necropsia do animal e observação da cavidade celomática e seus órgãos, foram obtidos dez exemplares de helmintos de formato cilíndrico que foram fixados em formol 10% para posterior identificação. Com auxílio de microscopia óptica, estereoscópio e chaves de classificação morfológicas específicas, determinou-se que se tratava de cinco machos e cinco fêmeas do gênero *Physaloptera* sp. Os helmintos foram mensurados, obtendo-se tamanho médio de 4,94cm para as fêmeas (DP 0,68cm) e 2,22cm para os machos (DP 0,41cm). Ovos foram extraídos das fêmeas (23 ovos) e mensurados com auxílio do programa LAZ EZ, tendo em média 49,28µm (DP 2,58µm) de polo superior a polo inferior e 22,18µm (DP 1,32µm) de largura, espessura da casca 4,10µm (DP 0,65µm). O gênero *Physaloptera* sp. já foi descrito parasitando lagartos em várias localidades do mundo, sendo considerado cosmopolita, porém pouco se conhece sobre a biologia desses parasitos na região serrana de Santa Catarina, no que se refere à hospedeiros intermediários, reservatórios e principais fontes de infecção. Esse gênero é descrito como hematófago na fase adulta e normalmente é encontrado parasitando o estômago de diversos grupos de animais domésticos e silvestres. Conclui-se que há parasitismo por *Physaloptera* sp. na região serrana de Santa Catarina em lagarto Teiú (*Tupinambis merianae*) e que são necessários mais estudos sobre a biologia e ecologia desses parasitos para fins de conservação das espécies que os hospedam.

**Palavras-chave:** nematoides, Teiú, Santa Catarina, parasitologia.

**Suporte financeiro:** LaDoPa; UFSC.